

jetam realizar excursões científicas em Santa Catarina e desejam que as Universidades brasileiras, onde existe o ensino de geografia, possam participar com os seus estudantes. Não resta dúvida que Florianópolis será um sucesso. Mas é preciso ter em vista que não se trata somente de um congresso acadêmico, planando nas nuvens da ciência pura. Nunca me cansarei de dizer que as pesquisas geográficas têm um interesse eminentemente prático. Lendo o último número da "Revista Brasileira de Geografia" tive o prazer de verificar que meu excelente colega americano, Preston James, defendia vigorosamente o mesmo ponto de vista e dava um exemplo admirável: encontrando-se o Estado de Michigan em vias de despovoamento e de abandono, triste consequência de uma colonização desordenada e devastadora, o governo decidiu proceder a um inquérito minucioso para saber exatamente quais as obrigações que deviam ser atribuídas às diferentes partes do Estado: onde reflorestar? em que região estabelecer a criação de animais? que região consagrar ao turismo ou a tal ou qual cultura, etc. Ora, esse trabalho foi confiado aos geógrafos da Universidade de Michigan, que foram incumbidos de dirigir o Michigan Land Economic Survey, sendo os resultados de tal maneira satisfatórios que o exemplo foi limitado por outros Estados norte-americanos. Assim, uma pesquisa geográfica e universitária pode ser de interesse público e prático. E Preston James explica com clareza que um trabalho dessa ordem calha bem aos geógrafos porque somente eles podem ver as relações entre os diferentes problemas, entre as regiões estudadas e as regiões vizinhas. Enquanto o especialista de reflorestamento ou de agricultura é limitado ao seu ponto de vista exclusivista, ao contrário, o geógrafo, cujo trabalho é essencialmente um trabalho de síntese e de estudo das relações dos fenômenos entre si, pode colocar-se acima dos pontos de vista particulares, embora sem deixar de consultar os especialistas e de trabalhar com eles. Na França, um inquérito volumoso sobre a importância dos estrangeiros (italianos, espanhóis, poloneses, belgas) na agricultura francesa foi confiado, pelo governo, ao professor de geografia humana da Sorbonne, auxiliado por um estudante. Não há nenhuma dúvida que a ação do Conselho Nacional de Geografia e a dos organizadores do Nono Congresso Brasileiro de Geografia se inspiram em semelhantes exemplos. Quando existem geógrafos e organizadores encarregados de estudar os fenômenos geográficos, não é para os cartógrafos ou geodestas que se deve exclusivamente voltar. Ainda que certos espíritos curiosamente fossilizados pensem o contrário, a geografia é uma ciência que tem seus técnicos, seu método original, seu campo de trabalho particular. Com o seu caráter sintético, torna-se dia a dia mais útil às soluções práticas dos problemas econômicos e sociais. O trabalho efetuado pelo Conselho Nacional de Geografia e a organização do Congresso de Florianópolis testemunham o bom caminho tomado pela Geografia Brasileira.

(Transcrito do "O Estado de São Paulo", de 24 de dezembro de 1939)

CENTRO DE ESTUDOS DO SERVIÇO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA FISIAGRÁFICA

Proseguindo na execução do seu programa de estudos sobre a geografia do Brasil, o *Centro de Estudos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica* realizou, de julho até novembro último, mais 5 reuniões, no correr das quais foram apresentadas e discutidas várias comunicações sobre geografia física e humana dos mais variados pontos do território nacional. Como de costume, as comunicações foram acompanhadas de farta e interessante documentação fotográfica, projetada durante as mesmas.

Em ordem cronológica, os temas explanados, foram os seguintes: "Os carnaubais do Nordeste", pelo eng. Virgínio Werneck Campelo, no qual o autor fez o estudo do "habitat" rural da carnaúba e discutiu os problemas da sua extração racional, cultivo e indústria dos seus derivados; "Viagem ao Rio Tocantins (de Goiânia a Belém do Pará)", pelo prof. Oton Henri Leonaidos, feita em duas reuniões, com a exibição de valioso e interessantíssimo filme organizado durante a viagem pelo próprio autor da comunicação; "Viagem pelo norte do Rio Doce", pelo sr. Lúcio de Castro Soares, descrição da sua recente visita ao norte do Espírito Santo; e "O litoral do sul do Brasil", pelo eng. Luiz Paulo do Amaral Pinto, estudo da formação dos litorais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Além destas comunicações de estudos regionais, foram feitas mais duas, também de caráter geográfico, pelo eng. Cristóvão Leite de Castro: "Comentários sobre os trabalhos da 3ª sessão ordinária da Assembléa Geral do Conselho Nacional de Geografia", realizada em julho último; e "IX Congresso Brasileiro de Geografia", a realizar-se em setembro do ano vindouro, na cidade de Florianópolis.

Duas excursões, pelo Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, foram realizadas, encerrando seus relatórios regular contribuição geográfica, fruto da observação e interpretação do ambiente das regiões visitadas.

Novas e interessantes reuniões estão marcadas, cumprindo o Centro de Estudos o seu objetivo de difundir o conhecimento da geografia nacional, entre os brasileiros que se esforcem em conhecer a sua Pátria.

COMISSÃO DA CARTA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DECRETO-LEI N 61, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1939

Numa nítida compreensão do momento brasileiro e das altas finalidades do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o comandante Ernani Amaral, digno Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, criou, pelo dec-lei n.º 61, de 21 de dezembro de 1939, a "Comissão da Carta do Estado", diretamente subordinada ao Departamento de Engenharia, da Secretaria de Viação e Obras Públicas.

Do alcance desta medida e do modo como ela consubstancia os anseios do Conselho Nacional de Geografia, falam, eloquentemente, os *consideranda* do mencionado decreto, pelo que